

A crítica profética ao culto do Segundo Templo:
análise exegética de Ml 1,6-14

Copyright © Fabio da Silveira Siqueira, 2021

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR
João Baptista Pinto

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Ana Clara Moita

REVISÃO
Do Autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S63c

Siqueira, Fabio da Silveira
A crítica profética ao culto do segundo templo : análise exegética de Ml 1,6-14 / Fabio da
Silveira Siqueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.
138 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89925-04-0

1. Bíblia. A.T. Malaquias - Crítica e interpretação. 2. Israel - Teologia cristã. 3. Teologia - Culto
- Doutrina bíblica. I. Título.

21-71308

CDD: 221.6
CDU: 2-278

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

Fabio da Silveira Siqueira

A crítica profética ao culto
do Segundo Templo:
análise exegética de Ml 1,6-14

LETRAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-Rio)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sergio Azevedo (UENF)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Para minha mãe, Anilda (*in memoriam*),
meu amor eterno.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, meu agradecimento a Deus que, nas vicissitudes da minha existência, me chamou à comunhão com Ele e me concedeu o dom de amar a sua Palavra e de estudá-la, para o meu crescimento espiritual e também o daqueles a quem Ele deseja me enviar.

Ao meu estimado Arcebispo, o Cardeal Dom Orani João Tempesta, O. Cist., pelo seu constante incentivo ao meu aprofundamento nos estudos bíblicos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria de Lourdes Corrêa Lima, por ter aceito orientar-me nesse trabalho, me auxiliando com sua extrema competência em todas as fases da pesquisa e, acima de tudo, por ter me apoiado e compreendido nos momentos difíceis.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Departamento de Teologia que, admitindo-me em seu corpo discente, deu-me a oportunidade de prosseguir os estudos na pós-graduação, ajudando na minha formação acadêmica e espiritual.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, do qual agora faço parte e, de modo particular, ao seu diretor, Pe. Waldecir Gonzaga, pelo apoio para que a publicação desta obra chegasse a bom termo.

À minha família e aos meus amigos, pela compreensão e apoio.

Aos meus colegas de curso pela graça de um abençoado convívio fraterno: Jane Furghestti, Ednea Ornella, Juscelino Fernandes e Rodrigo.

Ao Prof. Dr. Luiz Fernando Santana, cujo apoio foi essencial para a realização desta dissertação.

A todos os que me acompanharam com seu apoio, carinho e orações.

Sumário

Prefácio	11
Siglas e abreviaturas	15
Introdução	17
O Tema	17
O Texto	19
O Método e o Roteiro	19
1. O Contexto literário de Ml 6,1-14	21
1.1. Tradução e Crítica Textual	21
1.2. O texto no contexto do livro e sua delimitação	21
2. Momento redacional e organização do texto	40
2.1. Unidade do texto e época de redação	40
2.2. Estrutura da perícopes	43
2.3. Gênero Literário	52
3. A crítica profética: vv. 6-10.12-14	57
3.1. Introdução: vv. 6a-6e	57
3.2. Primeira seção: vv. 6f-11	67
3.3. Segunda seção: vv. 12a-14f	78
4. A justificativa da crítica profética: Ml 1,11.14d-f	85
4.1. Estrutura de Ml 1,11	85
4.2. <i>Status Quaestionis</i> da Exegese de Ml 1,11	86
4.3. Comentário a Ml 1,11	93
4.4. Comentário a Ml 1,14d-f	101
5. Aspectos teológicos de Ml 1,6-14	103
5.1. Ml 1,6-14 sob o pano de fundo de Nm 6,23-27	103
5.2. Ml 1,6-14 e a teologia deuteronomista: o “nome” de YHWH e a importância do Templo (Dt 12)	108
5.3. Ml 1,6-14 e a imagem de YHWH como Rei	113

Conclusão	119
O texto em si.....	119
Aspectos teológicos do texto	120
Considerações finais.....	122
Posfácio	123
Referências bibliográficas	129

Prefácio

O culto é um modo particularmente significativo através do qual o ser humano concretiza sua relação com Deus. Presente em várias formas religiosas, é especialmente importante no Antigo e Novo Testamento. Pois nele é significada a adoração a Deus, seus dons são reconhecidos, e a pessoa humana devolve ao Senhor, espiritualmente, a sua vida (cf. 1Cr 29,14). Ao mesmo tempo, no culto é significada a aceitação destes atos por parte de Deus e, por conseguinte, sua bênção para o homem. Mesmo se profundamente pessoais, tais ações são realizadas dentro de uma comunidade, estando, assim, estreitamente vinculadas ao respeito e amor aos que dela participam e mesmo a toda a humanidade. O culto é, a um tempo, expressão da fé da comunidade e fortalecimento da sua fé.

As tradições bíblicas procuram demonstrar como o culto não é somente projeção da mente humana, fruto de sua iniciativa e criatividade, mas tem sua origem em Deus. É Deus que tem a iniciativa. Isso aparece sobretudo no fato que as prescrições culturais e a instituição mesma do culto são tematizadas como revelação de Deus a Moisés. É Deus que dá a Israel a possibilidade de entrar em comunhão com Ele (cf. Ex 24-31). Também no Novo Testamento, é Jesus que institui o culto novo, que institui os sacramentos (cf. Mt 28,19; 1Cor 11,24-25) e ordena sua execução, que dá o Espírito, que possibilita o culto “em verdade” (cf. Jo 4,23; 1Cor 12,11; Rm 8,15.26).

No Antigo Testamento, no culto é essencial o sacrifício, forma exterior de manifestar-se a atitude interior de adoração, de reconhecimento e de desejo de comunhão. Nesse sentido as ações realizadas não se podem reduzir a atos puramente externos, sob a pena de se tornarem sem sentido; antes, é necessário que expressem realmente a fé e a religiosidade pessoal e comunitária. Da parte de Deus, por outro lado, somente assim o sacrifício pode alcançar seu objetivo, significar bênção e, com o perdão eventualmente manifestado, a restauração de uma comunhão quebrada.

Nos sacrifícios veterotestamentários, a destruição da oferta, em parte ou no todo, não é um fim em si mesmo, mas indica a passagem da descentralização da vida no ser humano e suas necessidades para sua

centralização em Deus: a oferta, simbolizando o ofertante, é colocada nas mãos de Deus e a seu dispor, os dons são subtraídos ao uso profano e consagrados a Deus. Dessa forma, o sacrifício visa expressar a doação total da vida, no desejo de comunhão com Ele.

Ao mesmo tempo, o culto veterotestamentário versa sobre as ações salvíficas de Deus e está particularmente ligado ao estabelecimento da aliança. Difere, nesse sentido, do culto nas religiões do entorno do antigo Israel, que visava o serviço à divindade com a finalidade de manter a ordem do cosmo e da vida humana. Além disso, no espírito com que é inculcado, nos escritos bíblicos o culto desliga-se de qualquer formulação mágica que garantisse, pela simples execução de atos exteriores, o que era impetrado, sem que fosse considerada a correspondente atitude ética.

De outro lado, como demonstram as tradições bíblicas, o culto no antigo Israel foi-se desenvolvendo pouco a pouco. É dado reconhecido que a legislação cultual, presente sobretudo no Pentateuco, mesmo se apresenta por vezes elementos arcaicos, em grande parte transfere para tempos antigos, numa leitura retrospectiva, práticas cultuais que supõem o serviço já estabelecido no templo de Jerusalém. Com efeito, com sua inauguração e a progressiva centralização do culto neste lugar consolidou-se de modo significativo o serviço litúrgico judaico e sua ordenação. Mesmo se elemento de fundamental importância em todas as épocas, o culto agora realizado no templo tornou-se fator decisivo para a identidade do povo de Deus e, conseqüentemente, para a constituição de sua unidade.

Isso permite compreender o que pôde significar a supressão do culto em Jerusalém a partir da destruição do templo e da cidade santa pela invasão babilônica, no início do século VI a.C. Segundo Ezequiel, ao culto está ligada a presença singular do Senhor, de sua glória, de modo que a invasão babilônica teve lugar porque, pelos pecados cultuais, Deus não pôde mais estar presente no templo, não pôde mais ser cultuado em Jerusalém, sua glória se afastou do lugar sagrado (cf. Ez 10,18-19; 11,22-23), deixando então templo e cidade desprotegidos. É nessa linha que se entende também por que na promessa de restauração do povo em sua terra, com o retorno dos exilados em Babilônia, o templo e o culto terão lugar central (cf. Ez 40-48). A restauração da comunidade, no tempo pós-exílico, conta com a reedificação do templo, agora purificado, para o qual

retorna a glória do Senhor (cf. Ez 43,4-5). Não só no plano religioso, mas também histórico e político, o culto, que sempre ocupou lugar central tem agora ainda mais proeminência. Na ausência de um monarca descendente de Davi na direção da comunidade judaica, serão os sacerdotes, com o culto que realizam e com seu ensinamento, aqueles que, embora sujeitos aos governos estrangeiros, ordenarão e conduzirão a comunidade.

À visão idealizada de Ezequiel se contrapôs, porém, em grande parte, a prática cultural do templo reconstruído após a volta dos exilados. Retornando a vida ao seu ritmo normal, retornam também as falhas humanas anteriormente vivenciadas. Este aspecto é forte no livro de Malaquias, no qual o culto e a classe sacerdotal ocupam lugar relevante. Nele, particularmente importante é o texto de 1,6-14, sobre o qual versa a presente monografia. Com efeito, é marcado por uma dura crítica quanto à forma e ao espírito com o qual o culto era então praticado. Neste particular, Malaquias difere em certo sentido da crítica profética anterior. Pois, em geral, ela se dirigia ao culto exteriorizado, executado sem a atitude interior que lhe corresponderia. Malaquias, porém, exigindo mesmo a forma exterior, cuja negligência ele aponta, revela de modo ainda mais radical a deficiência da atitude interior, já que nem mesmo os gestos estavam sendo realizados conforme as prescrições legais. O profeta, assim, aprofunda a crítica anterior, ao verificar a negligência e o descaso com que sacerdotes e povo se aproximam de Deus e pretendem realizar diante Dele o serviço litúrgico.

Tais aspectos são ampla e profundamente desenvolvidos no presente trabalho. Através da exegese minuciosa da perícopes em pauta, chega-se a delinear os elementos singulares da crítica profética, ao mesmo tempo que se dá a perceber com mais acuidade como o texto a enquadra tendo em consideração correntes importantes da teologia veterotestamentária, particularmente de linha sacerdotal e deuteronomista. De outro lado, oferece a revisão do entendimento que, na história da interpretação, foi dado ao v. 11, tão importante no contexto do Antigo Testamento e na concepção do culto cristão: “do nascer do sol até o seu ocaso grande é meu nome entre as nações, e em todo lugar incenso é oferecido ao meu nome e uma oferta pura”. À dificuldade de compreensão do versículo, na identificação, na época do profeta, do tipo de culto realizado “entre as nações”, “em todo lugar”, com uma “oferta pura”, o presente estudo

oferece uma interpretação histórica convincente. E isso sem deixar de evidenciar que o texto encontra na liturgia cristã, sobretudo na celebração eucarística, seu definitivo e completo significado. A pesquisa abre, dessa maneira, o horizonte, para além do ambiente judaico, à compreensão do culto da Nova Aliança.

A leitura de um estudo tão rico, portanto, permitirá mais bem compreender não só os aspectos históricos do culto e da restauração religiosa no tempo pós-exílico, mas também e sobretudo perceber seus aspectos propriamente teológicos. Destacando que forma e espírito com que o culto é realizado são fundamentais na relação do ser humano com Deus, esta obra coloca para o cristão bases significativas para a consideração do modo e do espírito da celebração do mistério da morte e ressurreição do Senhor (cf. 1Cor 11,26; Lc 22,19).

Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 2021,

Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus

Maria de Lourdes Corrêa Lima

Siglas e abreviaturas

a.C.	Antes da era cristã
AT	Antigo Testamento
BH	Bíblia Hebraica
BHK	Bíblia Hebraica de Rudolf Kittel
BHQ	<i>Biblia Hebraica Quinta</i> , ed. Anthony Gelston. Stuttgart. 2010.
BHS	<i>Biblia Hebraica Stuttgartensia</i> , ed. K. Elliger – W. Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 1997 ⁵ .
CD	Documento de Damasco
GKC	Geseniu's Hebrew Grammar as Edited and Enlarged by the Late E. Kautzch, ed. A. E. Cowley. Oxford. 1990.
Hof. Pt.	Hophal participio
J-M	P. JOÜON – T. MURAOKA. <i>A Grammar of Biblical Hebrew</i> . SubBi 27. Roma. 2009.
LXX	Septuaginta
n.	Número
NT	Novo Testamento
P	Priesterkodex
PIB	Pontificio Istituto Biblico
SC	Sacrosanctum Concilium
TM	Texto Massorético
v.	Versículo ou volume
vv.	Versículos
2ms	Segunda pessoa masculino singular
3ms	Terceira pessoa masculino singular

Introdução

O Tema

O tema do culto perpassa toda a BH, desde a הקדשה ofertada por Caim e Abel (Gn 4,3-4), até o final do livro das Crônicas, onde Ciro é compreendido pelo autor sagrado como um enviado de Deus para que o Templo possa ser reconstruído em Jerusalém (2Cr 36,23). No cânon católico do Antigo Testamento, a temática da “oferenda” trazida para YHWH também está presente no primeiro e no último livro (Gn 4,3-4; Ml 1,11). Sem dúvida, o culto é uma das instituições mais antigas de Israel. Com o advento monarquia, ele foi tomando uma forma particular e, sobretudo após sua centralização em Jerusalém, começou a ser mais acuradamente estruturado para que o louvor de YHWH fosse adequadamente realizado.¹

No período pós-exílico foi também dado grande relevo a este tema. No retorno para a Terra Prometida, estabeleceu-se em Israel uma hierocracia, onde o culto tinha lugar central.² O profeta Ageu e o Proto-Zacarias insistiram na reconstrução do Templo para que YHWH pudesse derramar a sua bênção sobre o povo (Ag 1,7-11; Zc 1,16-17).

O profeta Malaquias não trata apenas do culto em sua profecia. De fato, o livro se abre com uma afirmação do amor de YHWH por Israel (Ml 1,2-5). Esse amor espera uma resposta que não está sendo dada: nem no culto (Ml 1,6-14); nem pelos sacerdotes (Ml 2,1-9); nem pelo povo, seja na sua honestidade para com os casamentos de acordo com a vontade de YHWH, seja pelo repúdio da esposa (Ml 2,10-16), e seja pelo não-pagamento dos dízimos, o que também afeta a possibilidade prática do culto e da manutenção do Templo (Ml 3,6-12). O profeta anuncia, então, a chegada do “dia de YHWH” (Ml 2,17 – 3,5), dia esse que será de purificação para os sacerdotes (Ml 3,3); será dia de oferendas (הקדשה) puras (Ml 3,4) e será, também, dia de purificação para todo o povo (Ml 3,5). A última parte do livro traz a proclamação da manifestação futura da purificação operada por YHWH e da separação entre justos e ímpios (Ml 3,13-21). A conclusão se dá no apêndice que

¹ ALBERTZ, R., *Historia de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento*, p. 23.

² CODY, A., *A History of Old Testament Priesthood*, p. 175-180.